



AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

“
 Affonso Romano de Sant'Anna
 ”

É para isso que os poetas
 de todo o mundo aqui vieram.
 É possível unir palavra e ação

”

- SEGUNDA - FEIRA - Alcione Araújo
- TERÇA - FEIRA - Carlos Herculano Lopes
- QUARTA - FEIRA - Fernando Brant
- QUINTA - FEIRA - Frei Betto
- SEXTA - FEIRA - Fernanda Takai
- SÁBADO - Cyro Siqueira
- DOMINGO - Affonso Romano de Sant'Anna

santanna@novanet.com.br

Coréia, além das fronteiras

Nos despertam às cinco da manhã para um rápido *breakfast*. Às seis, partiremos para a Coréia do Norte. Estamos em Seul há três dias, no Festival Internacional de Poesia Pela Paz. Um dos objetivos é exatamente esse: aproximar as duas coréias – a do Norte e a do Sul – tragicamente divididas pela Guerra Fria do pós-guerra e pela guerra fratricida de 1950-1953, quando só nessa morreram 1 milhão de sul-coreanos, 1,1 milhão de norte-coreanos, 500 mil chineses e 26 mil soldados americanos.

Nos avisaram que não se pode levar nenhum material escrito – livros ou revistas – para a Coréia do Norte. Chego a esconder as versões em inglês e espanhol do meu poema *Os homens amam a guerra*, para não causar nenhum problema diplomático. Também câmeras com lentes astuciosas que possam – quem sabe? – fotografar instalações militares não-permitidas. (Quando estivermos voltando desse país comunista, daí a dois dias, nos advertirão de que nem folhas de árvore, nem pedrinhas podem ser levadas do solo norte-coreano. Alguns dos 120 poetas devolverão essas relíquias naturais antes de reembarcar para Seul nos três ônibus que nos conduzem).

Depois de umas quatro horas de viagem, estou me aproximando do Paralelo 38, que separa as duas coréias. Estou penetrando na zona desmilitarizada. De repente, volto à minha adolescência, quando, horrorizado com aquela guerra, escrevi um poema tipo Castro Alves, que começava assim:

*Era a metade do século!
 Era a metade do ano!
 Coréia, duas metades!
 Sendo uma do americano
 E do russo a outra parte.*

E, dito isto, o poema ia piorando mais ainda. Mas estar ali entre aquelas colinas é recordar o terrível noticiário da época, palavras como Pyongyang – a capital da Coréia do Norte que recebeu mil bombas



por quilômetro quadrado – é lembrar o terrível General MacArthur, que queria jogar 50 bombas atômicas na China para conter as tropas chinesas em combate contra os norte-americanos. Enfim, estar aqui é algo fantástico. É sair da patética história para cair na trágica geografia.

No limite tenso entre os dois países, há que passar por fiscalizações de um lado e outro. Já estive na fronteira conflagrada de Israel e Líbano. Já estive naquele ponto tenso entre as antigas alemãs Oriental e Ocidental. Mas há poucas coisas piores do que a cara gélida de um soldado da Coréia do Norte, impassível, olhando nosso passaporte. Cara amarela de um mongol tardio, sem mostrar qualquer sentimento. Se nosso guia lhe fala, não responde. Você não existe diante dele. O poeta americano Robert Pinsky, Marina, eu, o poeta espanhol Antonio Colinas e a poeta austríaca Sabine Scholl somos retidos: implicaram com nossas fotos no documento. Cobram multa de US\$ 10 de cada um. No caso de Colinas, dizem que é porque seu retrato tinha livros no fundo. Os demais, suponho, é porque tínhamos um certo sorriso nos lábios.

Na Coréia do Norte deve ser proibido sorrir.

Mona Lisa seria igualmente retida na fronteira.

Aquele soldado dentro do uniforme marrom nunca deu um sorriso em sua vida.

Passada, no entanto, a zona desmilitarizada (contraditório nome), vamos para um novo e moderno hotel, porém construído pela Coréia do Sul no território do Norte. Fica na borda da famosa montanha Kumgang-san, que visitaremos. Há espaços no Norte, circunscritos, em que os do Sul podem circular. Passamos por um deslumbrante pagode que está sendo reconstruído, também por operários do Sul, no lugar onde uma antiga aldeia tinha sido totalmente arrasada pela guerra. Esses são tempos de reconstrução. As duas coréias estão celebrando 60 anos do fim do domínio japonês (1910-1945). Para surpresa mundial, autoridades da Coréia do Norte estão, nesse dia, lá em Seul, depositando flores na tumba dos soldados do Sul mortos na guerra. As coisas podem mudar. E a esperança renascer.

É para isso que os poetas de todo o mundo aqui vieram. É possível unir palavra e ação. A poesia, embora fale de guerra, pode ser veículo da paz. Como a arte, a poesia não tem fronteiras.

LIVRO

A jornalista Clara Arreguy lança amanhã, em BH, seu primeiro romance, “Segunda divisão”

História de uma paixão

JOÃO PAULO

Aleticana doente, Clara Arreguy já não agüenta mais as brincadeiras com o título de seu livro, *Segunda divisão*, que ela lança amanhã no restaurante Cozinha de Minas. A piada pode ser banal e um pouco cruel com o coração alvinegro da romancista, mas mostra a quantas anda a paixão e o preconceito no mundo do futebol. Nada mais glamouroso que pertencer à elite do futebol; na medida inversa, há o desprestígio e vergonha em amargar a competição na série B. E é com esses ingredientes que se tece a história de *Segunda divisão*.

Primeiro romance da jornalista, editora de cultura do *Correio Braziliense*, *Segunda divisão* conta a história da final do Campeonato Brasileiro entre dois times imaginários, Santa Fé, de Minas Gerais, e Arapiara, de São Paulo. Ganhar a série B é um sonho que traz junto o medo e a ansiedade da derrota. Do futebol para a vida das pessoas que gravitam em torno do esporte, o livro mostra a existência dos jogadores, juizes, técnicos, jornalistas e torcedores. A partida, que encerra a narrativa, vai sendo adiada para apresentar a realidade dos personagens. O grande jogo é a vida de verdade.

“Sempre gostei muito de futebol. Um dia me vi assistindo a uma partida da série B na televisão, torcendo muito e sofrendo com o jogo de dois times com os quais não tinha a menor intimidade. É uma paixão inexplicável. Desse mundo eu entendo, gosto, sei como é. Percebi que ali estava uma história a ser contada”, lembra. Para Clara, futebol é uma manifestação da cultura popular do brasileiro e vai muito além do mundo das celebridades. “É parte da alma do brasileiro”, define.

O fato de uma mulher escrever sobre futebol já não causa mais estranheza, num campo cheio de craques na im-

prensa esportiva. Mas a romancista faz questão de distinguir o olhar feminino sobre o esporte. “A imprensa tem incorporado o trabalho das repórteres, mas querem que elas sejam ‘homenzinhos’, cumprindo um padrão de cobertura mais tradicional, chata, sem calor. Acho que é possível um outro jeito, mais humano. É o que propus no livro, uma história das emoções por trás das máscaras”, afirma. Para o craque da bola e das letras Tostão, parece que a romancista acertou a jogada: “Somente uma mulher, com sensibilidade e conhecimento do assunto, poderia fazer isso com tanta realidade, poesia e clareza”, atesta o doutor Eduardo Gonçalves de Andrade (que também teve seus dias de várzea, jogando no campinho do IAPI, no bairro de São Cristóvão).

Até chegar ao capítulo 31, o leitor atravessa a vida de muitos personagens, dos boleiros à jornalista Magda Shoe, passando por craques, ex-craques, completos pernas-de-pau, o juiz Heriberton, o técnico Marconi e muitos outros. Aí, começa a partida que sela o destino de todos eles. O leitor vai se afeiçoando aos jogadores e começa a torcer, lendo o relato do jogo como quem ouve um radinho colado ao ouvido. O jogo acaba e a vida continua. É sempre assim com o futebol.

POLÍTICA E MEMÓRIA Além de cultura popular, futebol também é política, garante Clara Arreguy. “São duas paixões da minha vida, com tudo que as paixões têm de intenso e irracional”, conta. Ele lembra que, em 1978, ao entrar para o movimento estudantil, quando começou o curso de jornalismo na boa e velha Fafich da rua Carangola, vinha de uma decepção clubística arrasadora: a derrota do Atlético para o São Paulo na final do Campeonato Brasileiro. E como paixão a gente nunca esquece, a experiência com a política estudantil também rendeu um



PAULO DE ARAÚJO

Clara Arreguy defende o caráter cultural e político do futebol na vida do brasileiro

livro, *Fafich*, que sai pela coleção BH – A cidade de cada um, que será lançado em 22 de setembro, no Palácio das Artes.

O próximo livro já está no forno. “Será sobre memórias da infância. Quando me mudei para Brasília, há um ano, comecei a buscar no coração a imagem da minha casa e me veio o lar da infância, as histórias do minha rua, do meu bairro, da minha cidade”. Futebol, política e memória: formas possíveis de

manter a paixão viva, mesmo que a crise entristeça a esperança militante e o time do coração se veja às voltas com a ameaça de rebaixamento.

SEGUNDA DIVISÃO

Lançamento do romance de Clara Arreguy, amanhã, às 19h30, no restaurante Cozinha de Minas, rua Gonçalves Dias, 45, Funcionários. Projeto Sempre um Papo, realização ESTADO DE MINAS, Cemiq e AB Comunicação. Informações: (31) 3261-1501.

“

É uma paixão inexplicável. Desse mundo eu entendo, gosto, sei como é. Percebi que ali estava uma história a ser contada

”

REPRODUÇÃO

